



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Cerâmica, alimento e um olhar poético
<b>Autor</b>	CERISE DE MATTOS GOMES
<b>Orientador</b>	CLAUDIA VICARI ZANATTA

Titulo: Cerâmica, alimento e um olhar poético.  
Aluna pesquisadora: Cerise Gomes - UFRGS  
Orientadora: Cláudia Vicari Zanatta – UFRGS

Esta pesquisa é parte do projeto Cerâmica e Alimento desenvolvido junto à escola EPA, RS, e resultado das reflexões traçadas pelo grupo Cidadania e Arte originário da linha de pesquisa – Poéticas da Participação desenvolvida no Instituto de Artes da UFRGS. A ênfase das ações no grupo tem a sua essência em práticas artísticas urbanas. Ao longo de 2017 a pesquisa realizou encontros entre artistas e estudantes da escola EPA (a maior parte deles em situação de rua) em oficinas práticas nas quais foram produzidas tigelas de cerâmicas comercializadas ao final do projeto que culminou em um almoço coletivo. Apresento um recorte fotográfico voltado à narrativa visual relacionada às experiências percebidas durante as oficinas de cerâmica na EPA, conectando práticas artísticas distintas em diálogo. A metodologia compreendeu o registro fotográfico com a constante observação dos tensionamentos durante o fazer artístico da cerâmica, destacando a relação entre os participantes no jogo das mãos, me aproximando do que nos escapa no dia a dia; não apenas para reproduzir o visível das oficinas, mas tornar visível algo que lá ocorreu no sentido de descolocar a produção fotográfica da função de ser um mero registro para ser um índice de processos relacionais. De que forma construir uma narrativa visual fotográfica que tangenciasse um contexto de arte participativa voltada para uma parcela da sociedade em extrema vulnerabilidade social como é a situação do aluno da escola EPA? Qual o trajeto imagético capaz de carregar essa experiência de arte participativa? Sobre a temática eleita percebi que falamos muito sobre e com as mãos durante a produção das cerâmicas. Nessa percepção as mãos sempre convidaram à reflexão sobre o prazer envolvido no trabalho cerâmico, movimento repetitivo, constante e, aparentemente, descompromissado, mas que provoca uma satisfação compartilhada. A argila necessita de seu tempo para moldar-se, secar, estar pronta, e nesse ciclo o ceramista rouba para si um tempo que lhe permite aflorar sua subjetividade, tão negligenciada no cotidiano, principalmente por aqueles aos quais é negado esse espaço e tempo de lazer, aos ditos não artistas. Observei a conexão entre os participantes no fazer cerâmica nas oficinas no tempo reclamado pela argila, não pelo relógio. O contexto no qual as oficinas se desenvolveram sempre foi tensionado principalmente em razão dos envolvidos estarem à margem de qualquer possibilidade de condições de um trabalho poético, estético, reflexivo, em razão das angústias e urgências da marginalidade social que lhes é imposta. Os alunos da EPA estão na rua e à merce da necessidade de sobrevivência, vivenciar a arte na EPA foi, comprovadamente, um momento de prazer, poético, mas também de reflexão, no qual eles puderam ser encorajados a pensar sua subjetividade, sua expressão e na práxis exigida pelo social, até construir uma forma de renda e subsistência partindo de suas próprias mãos. Os participantes experienciaram nesse cenário um autoconhecimento, uma alavanca de transformação. Observei esse trabalho com argila realizado por pessoas em situação diferenciada socialmente e todos se debruçaram sobre a argila com propósitos comuns, a despeito das vivências e expectativas tão diversas, e isso traduzi em poética visual. As leituras teóricas sobre fotografia embasaram a presente pesquisa em busca de compreensão do lugar da fotografia no campo da arte contemporânea e na arte participativa. Na relação da fotografia com esse contexto complexo, a poética visual foi direcionada às mãos buscando uma leitura das tantas mãos que falam por si no ato de amassar a argila em uma coparticipação que transforma o barro. Observei o trabalho da argila onde o participante se permitia um devaneio para despertar um resgate de uma autonomia perdida e me esforcei para me aproximar desse encantamento pela construção das narrativas fotográficas, o que me permitiu um outro olhar sobre o meu material artístico, seja valorizando-o, seja compreendendo-o em suas infinitas possibilidades.